

O ESTADO DE S. PAULO

— JULIO MESQUITA
1891 - 1927



RUY MESQUITA —
Diretor

5 DE MARÇO DE 2011 R\$ 3,00* ANO 132. Nº 42872

EDIÇÃO DE 0H30

estadão.com.br

SABADO



Sabático

Visões de Foucault
Estudos revisam
o legado do
pensador francês

Planeta

Praga na Antártida
Carrapatos infestam
pinguins. Pág. A11

C2+música

Baião francês
Novo disco de Silvério
aproxima a Occitânia
do Nordeste do Brasil

MARCELO LYRA



Em vídeo, pivô de escândalo dá dinheiro a filha de Roriz

Imagem mostra Jaqueline Roriz, então em campanha, levando maço de notas do delator do 'mensalão do DEM'

Vamildo Mendes

Um vídeo em análise no Ministério Público, obtido pelo **Estado** e exibido em primeira mão pelo *estadão.com.br* on-

de 2006, na sala de Barbosa, delator do escândalo conhecido como "mensalão do DEM", que derrubou o governador José Roberto Arruda. As imagens mostram que, após guardar o dinheiro, o ca-

Flagrante.

Durval Barbosa entrega maço de notas para Jaqueline Roriz,



Rebeldes já controlam o petróleo da Líbia

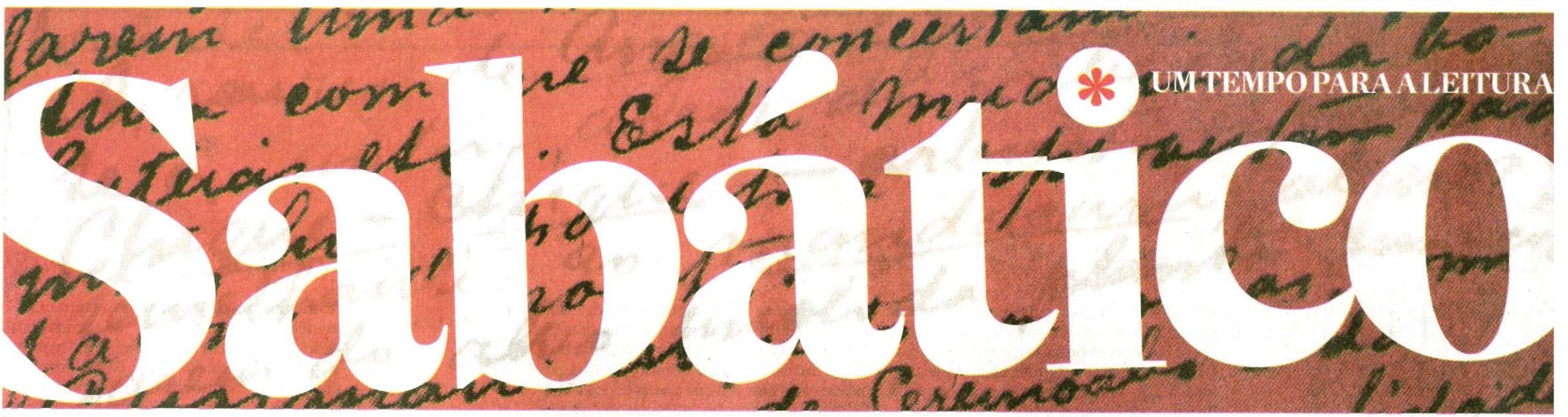
Lourival Sant'Anna

ENVIADO ESPECIAL A BENGHAZI, LÍBIA

Os rebeldes da Líbia tomaram o último complexo petroquímico que ainda estava nas mãos do ditador Muamar Kadafi, e...

Sabático

UM TEMPO PARA A LEITURA



estadão.com.br

REPRODUÇÃO

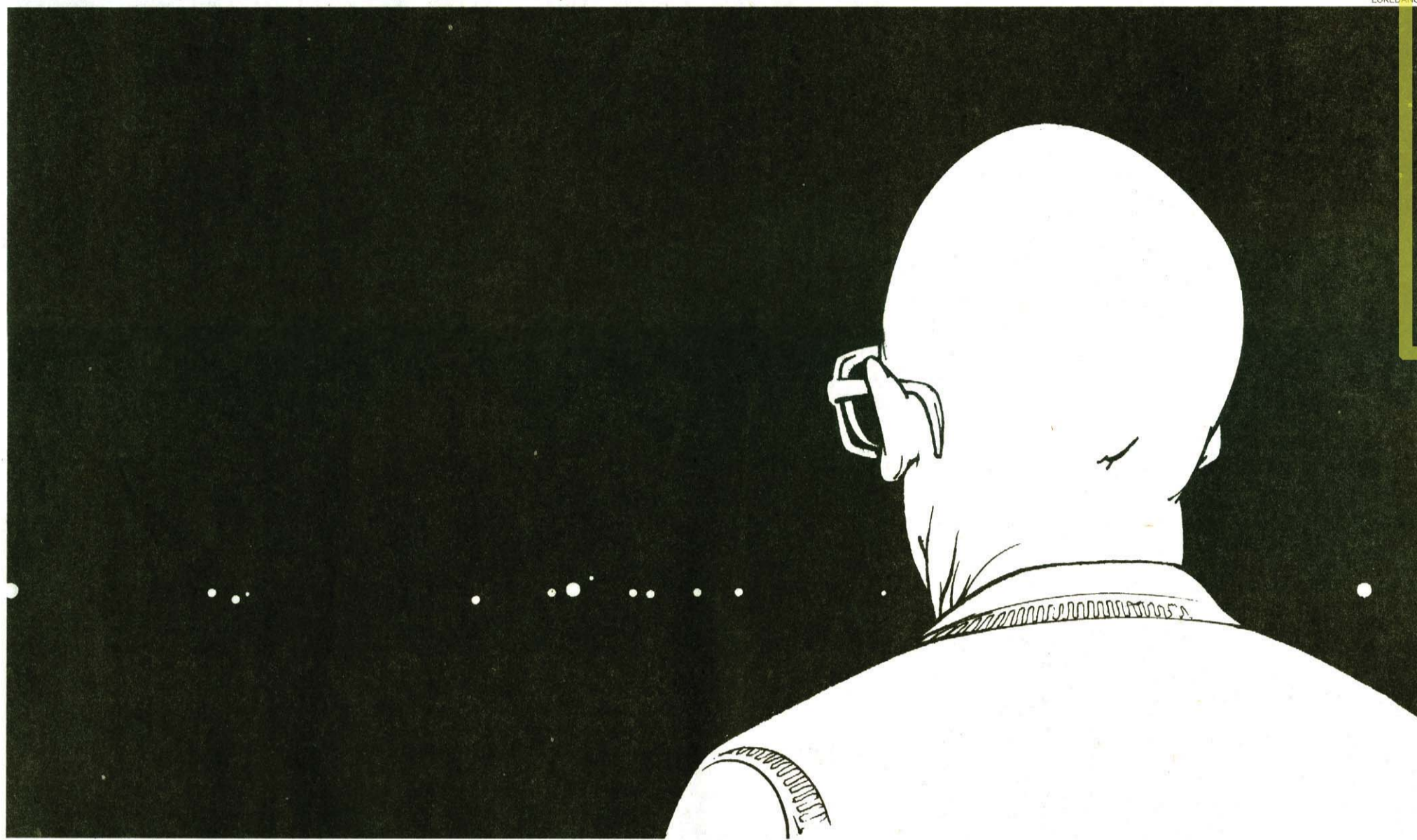
VISÕES DE



Capa

Três livros sobre o filósofo francês, morto em 1984, são lançados simultaneamente; dois deles abordam o apoio dado pelo pensador à revolução iraniana liderada pelo aiatolá Khomeini em 1979

FOUCAULT E O ISLÃ, MISTURA EXPLOSIVA



ANTONIO GONÇALVES FILHO

Pouco antes de morrer, o filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) escreveu um artigo em que defendeu ser perigoso confundir humanismo com Iluminismo. Segundo o pensador, a temática humanista seria “muito inconsistente para servir de eixo à reflexão”. A frase provocou arrepios na feminista iraniana Janet Afary e no professor de sociologia americano Kevin B. Anderson, autores do livro *Foucault e a Revolução Iraniana*, que será lançado no dia 10 pela Editora É (o livro já se encontra em pré-venda na Livraria Cultural). Eles acreditam que “o resultado trágico da revolução iraniana deflagrada por Khomeini formou parte do pano de fundo desse derradeiro ensaio”. E foram atrás de todos os artigos escritos por Foucault sobre o conflito que levou o aiatolá Ruhollah Khomeini (1902-1989) ao poder, estabelecendo uma teocracia islâmica no Irã, em 1979.

Parece paradoxal que um pensador dedicado à causa libertária tenha apoiado, num primeiro momento, os fundamentalistas religiosos que derrubaram a monarquia autocrática pró-ocidental do xá Reza Pahlevi (1919-1980), discordando de seus pares, que viam na revolução islâmica a representação do confronto entre o mundo religioso arcaico e a modernidade laica. Em sua defesa, o historiador Paul Veyne, amigo e colaborador do filósofo, afirma que “esse pretense esquerdista” – nem freudiano, nem marxista, segundo ele – “foi tocado pelo heroísmo das multidões iranianas diante da polícia e do Exército do xá”. Foi por isso, crê Veyne, que Foucault “ultrapassou a neutralidade e tomou o partido dos revoltados, sem esperar para ver se o islamismo não daria razões para a indignação dignas de suscitar revoltas pontuais”. Tal conclusão de Veyne se encontra em *Foucault: Seu Pensamento, Sua Pessoa*, lançado agora pela Civilização Brasileira.

Alimentando a polêmica e as homenagens aos 85 anos do nascimento do filósofo (e 50 da publicação do fundamental *História da Loucura*), chega às livrarias, no dia 25, outro estudo sobre ele, pela editora Zahar, *Como Ler Foucault*. O título revela que o objetivo da autora, Johanna Oksala, pesquisadora da Universidade de Helsinque, na Finlândia, é didático e bem diferente do de Veyne, que faz um esforço intelectual para traduzir o discurso de Foucault e ver em que ponto o nietzschiano filósofo aproxima-se de Heidegger – simpatizante e colaborador de outro regime obtuso, o nazista, nunca é demais lembrar. Por trás da obra filosófica de ambos, segundo o historiador

francês, “esconde-se um não dito truístico e esmagador: o passado antigo e recente da humanidade não passa de um vasto cemitério de grandes verdades mortas”.

A estrutura dos três livros é semelhante: os estudiosos partem para um face a face com as ideias do filósofo. Em cinco capítulos de *Foucault e a Revolução Iraniana*, seus autores discutem os paradoxos da filosofia foucaultiana, a sedução exercida pelo xiismo sobre o filósofo, suas controvérsias com membros da comunidade iraniana, a vista grossa que fez para os direitos das mulheres submetidas compulsoriamente ao véu e sua relativa ignorância sobre a cultura islâmica. Segundo os autores do livro, ele apontava as semelhanças entre o *Corão* e o *Levitico* sem lembrar que o capítulo 20 do livro bíblico determina a pena de morte para adúlteros e homossexuais, o que condenaria o próprio Foucault. Em 1978, quando visitou o Irã como correspondente do jornal *Corriere della Sera*, ele parecia acreditar que o islamismo iraniano aceitaria melhor a homossexualidade que o Ocidente moderno, segundo os autores do livro. Eles tiveram um testemunho dessa ingenuidade por meio de um depoimento do sociólogo Ehsan Naraghi, colega de Foucault no Collège de France, que ficou espantado com a ignorância do filósofo sobre o mundo muçulmano. Em tempo: Naraghi foi preso durante a revolução islâmica e escreveu um livro sobre o assunto.

O historiador e amigo Paul Veyne justifica sua adesão dizendo que ele se entusiasmou com o heroísmo do povo do Irã

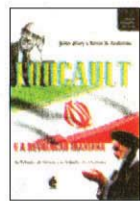
Por outro lado, Foucault foi um pensador crítico das instituições sociais – em particular a psiquiatria –, que propôs um novo tratamento para os portadores de doenças mentais, abominando o confinamento e mostrando as semelhanças entre asilos, prisões, quartéis e escolas. Paul Veyne, em seu livro, afirma que ele não foi nem estruturalista, nem relativista e tampouco historicista. Foi, antes, um pensador “cético”. Veyne repete inúmeras vezes o adjetivo, sem, no entanto, admitir que Foucault tenha sido um niilista. Quando *História da Loucura* foi publicado, há meio século, diz, alguns historiadores “não viram inicialmente o alcance do livro”, embora o filósofo não fosse “tão marginalizado quanto queria crer”. Philippe Ariès adorava seus livros, garante.

Foucault, segundo Veyne, autor do primeiro volume da coleção *História da Vida Privada*, seria igualmente tolerante com a obra alheia. Ele jamais condenou “a mais absurda das doutrinas”, acentua, lembrando como o filósofo falava com prazer e simpatia de Santo Agostinho, embora “duvidasse de toda verdade demasiado geral e de todas as grandes verdades intemporais”. Poderia alguém assim cético – mas não niilista – apontar algum caminho para a humanidade? Sim, responde o historiador, “porque seu ceticismo não duvida de tudo por princípio”.

Um dado novo no livro de Veyne é a lembrança do nome de Wittgenstein para fazer

par com Foucault – ambos acreditariam apenas em singularidades. Ele não explora essas semelhanças, mas mostra como Foucault considerava a “linguagem” dos animais irracionais, ao falar da inteligência de um gato que visitava os apartamentos do número 285 da rua de Vaugirard, em Paris, onde morava o filósofo. “Ele entende tudo”, dizia o pensador ao historiador a propósito do felino. Para um empirista como Foucault, até um animal errático era capaz de compreender o que homem se recusa a engolir, ou seja, “que o sujeito não é soberano, mas filho do seu tempo”. Foucault, define Veyne, não acredita nem Marx nem em Freud, nem na Revolução nem em Mao e “ria em privado dos bons sentimentos progressistas”.

Para o historiador, Foucault viu na revolução iraniana a luta da libertação de um povo, a despeito de ter ouvido dele uma frase bombástica sobre Khomeini: “Ele me falou de seu programa de governo: se tomasse o poder, seria de uma idiotice de fazer chorar”. Disse isso “erguendo piedosamente os olhos para o céu”. O que esse gesto significou? Foucault desdenhava do aiatolá ou seria mais uma vítima de seu carisma? Os autores de *Foucault e a Revolução Iraniana* sugerem que a experiência do filósofo no Irã representou uma “guinada em seus escritos da década de 1980”, fascinado que ficou pela apropriação dos mitos xiitas de martírio e rituais de penitência dos revolucionários. Foucault faria, sim, críticas tardias ao regime islâmico, mas, então, muitas cabeças já haviam rolado. Após maio de 1979, fez silêncio sobre o Irã. Sua busca de alternativas para a laicidade moderna acabara.



FOUCAULT E A REVOLUÇÃO IRANIANA

Autores: Janet Afary e Kevin B. Anderson
Tradução: Fábio Monteiro de Barros Faria
Editora: É
(480 págs., R\$ 89)



FOUCAULT: SEU PENSAMENTO, SUA PESSOA

Autor: Paul Veyne
Tradução: Marcelo Jacques de Moraes
Editora: Civilização Brasileira
(256 págs., R\$ 32,90)



COMO LER FOUCAULT

Autora: Johanna Oksala
Editora: Zahar
Tradução: Maria Luiza X.A. Borges
(144 págs., R\$ 29,90)